

Leia as duas fontes abaixo:

Companhia dos Mercadores Aventureiros (1600)

Considerando que os Holandeses têm feito várias viagens muito proveitosas às Índias orientais, o que está interdito aos nossos navegadores por causa da falta de liberdade em matéria de transportes, vários comerciantes da cidade (de Londres) fizeram uma petição para pedir à rainha certos privilégios e tolerâncias que... aproveitariam ao reino e fariam de Londres um centro de comércio regular para todas as especiarias e produtos das Índias orientais que até ao presente têm sido fornecidas pelos Portugueses, Espanhóis e outros estrangeiros. Eles pedem que Sua Majestade constitua uma corporação dos primeiros mercadores aventureiros com um privilégio para o exercício deste comércio, pois não pode ser organizado em países tão longínquos sem que sejam postos fundos em comum... »

Marquês de Salisbury, Papeis. In: FREITAS, Gustavo de. 900 textos e documentos de História. Plátano Editora, 1976. pp. 137-138.

Os portugueses na Índia alarmam os italianos

Toda Veneza ficou surpreendida e se alarmou. Os mais sisudos diziam que era a pior notícia que podia chegar-lhes. De fato, toda a gente sabe que Veneza tinha obtido o seu prestígio e a sua riqueza unicamente graças ao seu comércio marítimo que lhe proporcionava cada ano uma grande quantidade de especiarias, de tal maneira que os comerciantes estrangeiros afluíam para comprá-las. A sua presença e os seus negócios traziam-lhes fartos lucros. Mas agora, por este novo caminho, as

especiarias de Leste serão transportadas para Lisboa, onde os húngaros, os alemães, os flamengos e os franceses irão procurá-las pois serão aí menos caras. Com efeito, as especiarias que chegam a Veneza têm de passar pela Síria e os territórios do sultão, e por toda a parte devem pagar direitos (aduaneiros) tão exorbitantes que, ao chegar a Veneza, o que tinha custado um ducado deve ser vendido por de oitenta a cem ducados. O caminho marítimo, esse, não tem de pagar todos esses impostos, e os portugueses podem vendê-las mais baratas. As pessoas mais bem informadas dão-se conta disso, outras não podem acreditar na notícia, e outras pessoas pensam que o rei de Portugal não poderá conservar por muito tempo esse caminho e este comércio com Calicute, pois das treze caravelas que para aí partiram, só seis voltaram, e as perdas serão maiores que os lucros. Por outro lado, ele não encontrará facilmente homens dispostos a arriscar a sua vida numa viagem tão longa e perigosa, e pensa-se que o sultão (da Turquia), quando se aperceber das perdas que isto trará aos seus rendimentos, tratará de impedir esse comércio. Eis o que se diz, entre outras coisas, pois os venezianos, como de costume, procuram encontrar razões para não perder a esperança e recusam-se a acreditar e a ouvir o que não lhes convém.

Priuli, "Diários", 1499. In: Freitas, op. cit., p. 105-6. In: MARQUES, Adhemar Martins. História moderna através de textos. São Paulo: Contexto, 1994. pp. 69-70.